

wookacontece

Primavera | 2019 | Gratuita



Entrevista
exclusiva

Haruki
Murakami

Novidades
literárias

Wook não
pode perder

Especial
Guia
de leitura
infantojuvenil

Se não há na WOOK, não existe

A WOOK tem
9 milhões de livros com
10% e portes grátis
todo o ano

Wook[®]

Visite-nos em wook.pt



4 Entrevista Haruki Murakami

9 **Novidades
literárias
2019**

20 **Entrevista
ao Prémio
Cervantes
Sergio
Ramírez**

14 *Spring
cleaning*
com **Marie
Kondo**

24 **8 bons
motivos para
ler um eBook**

16 **As primeiras
páginas
do livro de
João Tordo**

26 **Guia de
leitura:
Ler para
crescer**

18 **WOOK LÊ
Isabel
Rio Novo**

31 **Poema
O pouco
que sei**

A black and white portrait of a middle-aged man with dark hair, wearing a light-colored t-shirt. He is looking directly at the camera with a neutral expression. His arms are crossed over his chest. The background is dark and out of focus. Overlaid on the bottom half of the image is the name 'Mura' in a large, bold, red, sans-serif font. The 'M' is partially cut off on the left edge.

Mura

Entrevista exclusiva

Haruki Murakami

«As histórias
devem ser
contagiosas»

Haruki Murakami

Arte da ficção

Está traduzido em mais de 50 idiomas, é aficionado por desporto (corrida, em particular, o que também originou um livro) e continua avesso a entrevistas. Diz não perceber o fascínio que têm por ele. Talvez ele até não saiba quão submersos ficamos nas suas próprias obsessões: Kafka, gatos, esparguete, jazz, sonhos, as profundezas da mente humana, e sempre aquele poço. Imergidos e viciados.

Haruki Murakami (Quioto, 1949) é uma voz direta, precisa e fácil de seguir que nos guia por enredos desconcertantes e universos surrealistas – peixes que chovem do céu, gatos que conversam. Sim, *Kafka à Beira Mar* foi um daqueles livros magnéticos como ferro para íman. Mas nem tudo é absurdo: nesta narrativa pós-moderna do autor há espaço para personagens carregadas de humanidade, próximas de nós, com seus dramas, angústias e alegrias próprias de quem está vivo.

Elas ouvem música, comem deliciosos pratos de massa, fazem amor, trabalham, viajam, são obsessivos-compulsivos.

Como não haveríamos de criar empatia?

Sejamos francos: quando enviámos a entrevista, há longos meses, sabíamos ao que íamos — provavelmente, a lado nenhum. Entretanto, houve um dia em que chegámos ao computador, abrimos a pasta dos *e-mails* recebidos com o denodo habitual, e ali estava ela.

O japonês mais lido do mundo havia respondido. Uma página em japonês, outra página em inglês. Murakami obrigou-nos a contratar um tradutor para 133 palavras. Das 12 perguntas, três voltaram de Tóquio sem resposta. Ou melhor, com a resposta «*No answer.*» E aqui aplica-se a célebre frase: *Whatever it is you're seeking won't come in the form you're expecting.* E até estas idiosincrasias têm a sua graça.

It has been a pleasure, Mr. Murakami!



A Morte do Comendador
Haruki Murakami
Vol. I

Qual é a primeira memória que tem de si enquanto pessoa?

Quando tinha 2, 3 anos, fui levado por um pequeno rio que havia à frente da minha casa. Antes de ser puxado para um túnel escuro, a minha mãe salvou-me.

Quando é que percebeu que se podia tornar escritor? E mais importante: que podia mesmo viver da sua – belíssima, sublinhe-se – escrita?

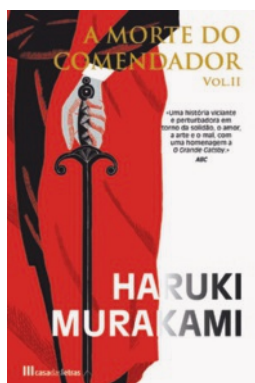
Em abril de 1978. Na altura, tinha 29 anos. Desde então que tenho continuado a escrever romances.

A prática de exercício físico – corrida e natação – é uma das suas imagens de marca. O que é que o desporto faz efetivamente por si?

Serve principalmente para não engordar.

Sabemos que segue uma rotina de escrita. Quantas horas escreve por dia?

Quando estou a trabalhar em romances, escrevo aproximadamente três, quatro horas por dia. Além disso, também faço tradução.



A Morte do Comendador
Haruki Murakami
Vol. II

Quando começamos a ler um romance seu, de repente, a nossa vida real assemelha-se àquela história, torna-se parte dela. Como é que esta magia acontece?

As histórias devem ser contagiosas.

Disse que *A Morte do Comendador*, o seu último livro, é uma homenagem a *O Grande Gatsby*. Como surgiu esta ideia?

É uma homenagem em certa parte. A história tem muitas partes.

Quantas horas dorme por noite?

Cerca de 7 ou 8 horas.

Wook está na sua mesa de cabeceira?

Tearing Down the Wall of Sound, a biografia de Phil Spector.

Com que sonha?

Gatos.

TRILOGIA A NOITE DE TODAS AS ALMAS

AGORA NA

HBO

PORTUGAL



NOVIDADE
DA MESMA AUTORA

casadasletras



wook ler na primavera

Desde o início do ano que chegaram à nossa estante infinita novidades imperdíveis.

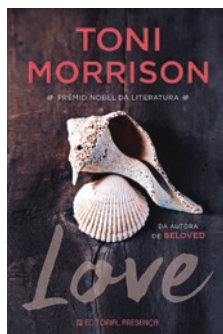
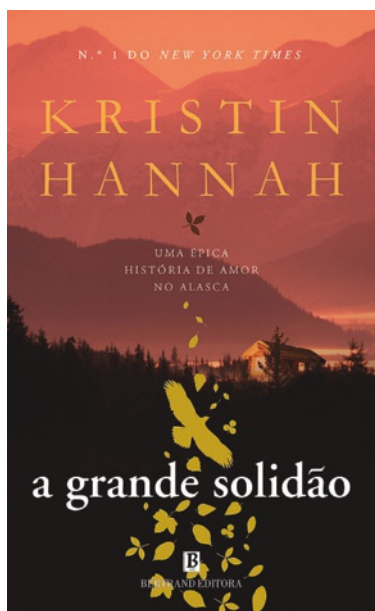
Fique a conhecer algumas delas:

janeiro

Ficção

A Suma de Letras apresentou *O Dia em que Perdemos a Cabeça*, do espanhol **Javier Castillo**, o seu primeiro *thriller* que foi um fenómeno de vendas no país vizinho, e a Bertrand publicou *A Grande Solidão*, da norte-americana **Kristin Hannah**. Pela Planeta, chegou-nos *Maria – A Rainha dos Escoceses*, de **John Guy**.

A Companhia das Letras editou o novo livro do brasileiro **Milton Hatoum** *A Noite da Espera*, e a Presença publicou *Love*, da Prémio Nobel da Literatura **Toni Morrison**, e, ainda, *Três Desejos*, da autora *bestseller* **Liane Moriarty**.



Com o carimbo editorial da Dom Quixote, tivemos *Guerra e Terebintina*, de **Stefan Hertmans**, a Quetzal reeditou *Nenhum Olhar*, uma obra essencial de **José Luís Peixoto**, e a Porto Editora publicou *O Processo Violeta*, novo título de **Inês Pedrosa**.

Não ficção

Neste domínio, importa destacar *Diário de Virginia Woolf (1927-1941)*, uma súmula de mais de 600 páginas na qual somos convidados a conhecer as suas reflexões mais íntimas sobre o mundo, editada pela Bertrand. Pela Planeta saiu *O Rapaz que Seguiu o Pai para Auschwitz*, de **Jeremy Dronfield**, um testemunho real e muito corajoso.

Infantojuvenil

Para tentar salvar o mundo, a Booksmile lançou *50 Ideias para te Livreres do Plástico*, de **Isabel Thomas**, e a Orfeu Negro publicou *Ciclone – Diário de uma Montanha-Russa*, um livro da autoria de **Inês Barahona** e **Miguel Fragata**.

Poesia

Na poesia, voltamos sempre ao amor com *366 Poemas que Falam de Amor*, uma seleção de **Vasco Graça Moura**, editado pela Quetzal.



fevereiro

Ficção

Em fevereiro, a Quetzal brindou-nos com bons livros (como, de resto, já nos habituou): *Estocolmo*, de **Sérgio Godinho**, *A Imortal Graça*, de **Filipe Homem Fonseca**, e *Histórias*, uma coletânea de contos deliciosa da ensaísta **Susan Sontag**.



A Relógio d'Água reeditou *O Doente Inglês*, um clássico do canadiano **Michael Ondaatje**. A Dom Quixote publicou *Torto Arado*, de **Itamar Vieira Junior**, o livro vencedor do Prémio LeYa 2018, e *O Café de Lenine*, um breve romance de **Nuno Júdice**. A segunda parte de *Sangue e Fogo*, de **George R. R. Martin**, foi editada pela Saída de Emergência e, pela Presença, tivemos um novo título de **Jodi Picoult**: *O Clarão de Luz*. Na Alfabuara, destaque merecido para aquele que já se proclama como "o livro do ano": *Em Tudo Havia Beleza*, do espanhol **Manuel Vilas**, que conquistou a crítica e os leitores de uma assentada só. Na Porto Editora, *Já Ninguém Chora por Mim*, de **Sergio Ramirez**, autor multipremiado, entre outros com o Prémio Cervantes (entrevista para ler na página 20 desta revista).

Por fim, a Livros do Brasil reeditou *O Mistério do Quarto Amarelo*, de **Gaston Leroux**, um policial de culto publicado originalmente em 1907.

Não ficção

Na Contraponto, este mês marcou o início de uma coleção de biografias de grandes figuras da História portuguesa. Agustina Bessa-Luís é a protagonista do primeiro volume, intitulado *O Poço e a Estrada*, uma obra exímia de **Isabel Rio Novo**. Seguir-se-lhe-ão José Cardoso Pires, Manoel de Oliveira, Amália Rodrigues, Herberto Helder e Natália Correia.

A Porto Editora fez chegar às livrarias *Marcelo – Presidente Todos os Dias*, um retrato vivo do Presidente feito pela jornalista do *Público* **Leonete Botelho** e pela professora universitária **Felisbela Lopes**.

Infantojuvenil

Da famosa coleção de *O Lobo*, a editora Zero a Oito editou mais uma divertida novidade para os miúdos: *O Lobo que Sonhava Com o Oceano*, de **Orianne Lallemant**, ilustrado por **Éléonore Thuillier**. *A Escavadora e a Flor* – com uma poderosa mensagem sobre o ambiente e o conflito de coexistência entre a civilização e a natureza – saiu pela Bizâncio. Já a Porto Editora publicou um novo volume de *O Estranhão – O Último a Ficar de Pé*, de **Álvaro Magalhães**, e dois títulos de uma novíssima coleção – *Puto Detetive*, que marca a estreia de Andrew Clover no universo juvenil. Garantimos boas gargalhadas por cada página lida.



Poesia

Pela Quetzal saiu *O Tempo Avança por Sílabas*, uma antologia poética de **João Luís Barreto Guimarães**, e a Tinta da china publicou *A Musa Irregular*, uma edição aumentada que contempla toda a produção poética de **Fernando Assis Pacheco**. Por último, destaque para *A Chama*, de **Leonard Cohen**, uma edição da Relógio d'Água que reúne os últimos poemas do músico canadiano.

março

Ficção

Neste mês, a grande aposta da Companhia das Letras foi *A Mulher que Correu Atrás do Vento*, o novo e magnético romance de **João Tordo**. A Casa das Letras publicou o tão aguardado segundo volume de *A Morte do Comendador*, de **Haruki Murakami**, e, ainda, *O Sol da Meia-Noite*, o novo livro de **Jo Nesbø**, *As Regras de Cortesia*, de **Amor Towles**, e reeditou *Palmeiras Bravas – Rio Velho*, de

William Faulkner. Pela Cavalariada chegou às livrarias o romance *Viagens*, da polaca **Olga Tokarczuk**, que venceu prêmio Man Booker International 2018. *A Aluna Americana*, de **João Pedro Marques**, e *Os Meninos de Varsóvia*, de **Elisabeth Gifford** são duas novidades da Porto Editora.

O autor *bestseller* **Daniel Silva** também regressou à escrita com *A Outra Mulher*, uma edição da Harper Collins.

Pela Quetzal chegaram os dois primeiros volumes de *Terra Incógnita*, uma novíssima coleção de literatura de viagem. São eles: *Breviário Mediterrânico*, de **Predrag Matvejevitich**, e *O Grande Bazar Ferroviário*, de **Paul Theroux**. A Sextante publicou *O Arquipélago do Cão*, do francês **Philippe Claudel**.

Por fim, mas não menos importante, a Elsinore publicou *Vernon Subutex 1*, um retrato audaz da sociedade europeia contemporânea, da escritora e realizadora francesa **Virginie Despentes**, finalista do Prémio Internacional Man Booker 2018.

Não ficção

A Sextante pôs à venda *No Armário do Vaticano*, um livro-bomba que revela os segredos escondidos na sede da Igreja Católica, da autoria do jornalista **Frédéric Martel**, e a Quetzal lançou *Nova Gramática do Latim*, a primeira gramática a ser editada desde 1974, do classicista **Fredérico Lourenço**.

Infantil

No universo infantil, a ASA publicou *Os Gatos da Casa Amarela*, um novo livro de **António Mota**. Já a Nuvem de Letras lançou *A Origem das Espécies*, a história de



Darwin recontada e profusamente ilustrada por **Sabina Radeva**, e a Nuvem de Tinta publicou *Histórias para Rapazes que Sonham Mudar o Mundo*, de **G. L. Marvel**. Com o selo editorial da Alfabeta surgiu o novo livro de **Afonso Cruz**, *Como Cozinhar Uma Criança*, e pela Booksmile saiu o 24.º volume de *O Bando das Cavernas*, de **Nuno Caravela**. Fechamos a lista com uma sugestão belíssima: *Aqui é Um Bom Lugar*, de **Ana Pessoa**, a obra vencedora do Prémio Literário Maria Rosa Colaço 2018 Literatura Juvenil, numa edição da Planeta Tangerina.

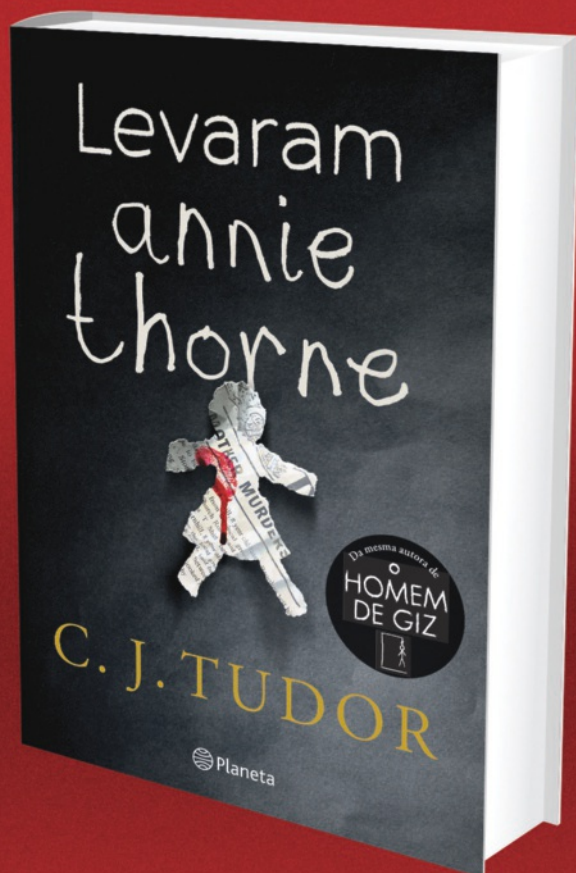
Poesia

Na Assírio & Alvim foram editadas três novidades imperdíveis: *O Livro da Consolação*, de **Mário Rui de Oliveira**, *Fósforos e Metal sobre Imitação de Ser Humano*, de **Filipa Leal**, e *Os Animais*, uma antologia poética de *haikus* do japonês **Issa Kobayashi**.

O *Terceiro Vértice*, livro de poemas de **Fernando Pinto do Amaral**, saiu pela Dom Quixote e na Tinta da china destaque para *Mapas*, o primeiro – e já muito aclamado – livro de poesia de John Freeman.

NOVO LIVRO C. J. TUDOR

A AUTORA DE *O HOMEM DE GIZ*



O pior dia da sua vida não foi quando a irmã foi levada...
foi o dia em que ela voltou.

Socorro! Marie Kondo quer arrumar a nossa biblioteca!

O método de arrumação de Marie Kondo saltou dos livros para os ecrãs e não demorou a gerar polémica.

Várias coisas no método KonMari (sim, existe um nome para isto!) podem fazer estremecer os desarrumados deste mundo. Em primeiro lugar, a arrumação não se faz divisão a divisão, mas através de categorias de objetos e por uma ordem específica, independentemente da divisão da casa onde se encontrem. Assim, começamos pela roupa, seguindo-se os livros, os papéis, o *komono* (objetos variados, como artigos de cozinha e de casa de banho) e, por fim, os itens com valor sentimental.

O objetivo não é deitar coisas fora até ficar só uma *t-shirt* e um par de calças, mas encontrar espaço para os objetos de que realmente gostamos ou, nas palavras de Marie Kondo, «o que nos traz alegria».

Porém, se domar a pilha da roupa e decidir apenas pelo que nos deixa felizes, dobrando as peças de forma meticulosa, parece ter ganhado adeptos um pouco por todo o mundo, a abordagem aos livros aparenta ter menos fãs, especialmente entre os bibliófilos. Como assim, só podemos ter 30 livros e eles têm de «despertar alegria»?

Tenho de me ver livre da biblioteca? Pusemos o método à prova, passo a passo, prontos para defender os nossos livros com unhas e dentes:

Tirar todos os livros das estantes e juntá-los numa grande pilha

Como sabemos, desde o Big Bang, o primeiro passo para a organização é o caos e a desarrumação. Admitimos que ir buscar todos os livros da casa não é tarefa fácil: os que se amontoam na mesinha de cabeceira, os que estão espalhados pela sala e pelo escritório, o que neste momento mora na mochila, aqueles livros de receitas ali no canto da cozinha...

Na verdade, tirar os livros das estantes é uma boa ideia. Primeiro porque os livros também precisam de respirar e de ser limpos (pó... pó...); segundo porque nos dá uma noção do que realmente temos. Quem nunca percorreu as estantes de casa em busca de um livro específico ou comprou o mesmo livro duas vezes achando que não o tinha?

Não sabemos se Marie Kondo aprova, mas estas arrumações são também uma boa altura para fazer um inventário e descobrir, por exemplo, as coleções e séries de livros que temos por completar (olá, *wishlist* da Wook!).

Escolher os livros que nos trazem alegria

Livros empilhados e a origem de toda a polémica. Um livro tem mesmo de me trazer alegria? Se alguns escritores, como Miguel Esteves Cardoso, louvaram o método de Marie Kondo, outros afirmaram de forma perentória que esta é uma ameaça grave à liberdade das nossas bibliotecas.

Na verdade, a autora de *Arrume a sua Casa, Arrume a sua Vida* não estabelece um limite de livros.

A sugestão de Marie Kondo é que toquemos nos livros um a um para tomar uma decisão, evitando leituras.

A questão é que os livros que trazem alegria não são necessariamente os romances com final feliz. Uma biblioteca é, na verdade, a imagem do seu leitor e vai acompanhando as diversas fases da sua vida.

Alberto Manguel, no belíssimo *Embalando a Minha Biblioteca* propõe-nos uma elegia e dez divagações sobre a forma como organizamos as nossas bibliotecas e o mundo. Por autor? Por cor? Por temática? Por ordem alfabética? Por uma ordem secreta que só o bibliófilo é capaz de desvendar? Todos estes sistemas são uma forma de organizarmos a nossa memória.

As nossas bibliotecas são um repositório de nós mesmos: uma imagem do que fomos, do que nos apaixonou e do que queremos ser (a temível pilha dos livros não lidos!).

O que nos traz alegria nas nossas bibliotecas? Aquele livro de poesia que descobri por acaso? Um autor que me recomendou um amigo? Aquele livro que me foi oferecido por alguém querido? Um exemplar autografado que me lembra um momento especial?

Somos a favor de viver melhor com menos, mas...

A arrumação, como defende Marie Kondo, pode ser uma forma de nos vermos rodeados das coisas que nos trazem alegria. No caso das nossas bibliotecas, a arrumação oferece-nos uma oportunidade de visitar velhos amigos ou, quem sabe, de descobrir novos.

Somos a favor de viver melhor com menos, mas, cá entre nós, alguém vive melhor com menos livros?



João Tordo

João Tordo tem um novo romance, e nós fomos descobri-lo.

Quatro mulheres – Lisbeth, Graça, Beatriz e Lia – atravessam um século de História e três países, unidas por uma poderosa história de amor e de perda.

Protagonistas no feminino – o primeiro traço distintivo face aos romances anteriores de Tordo – e uma inesperada reviravolta final fazem desta uma narrativa magnética.



As primeiras páginas

1. A Gaivota (1992)

O rosto foi uma desilusão. A primeira vez que o viu, pensou: Que feio é. Tem as sobrancelhas demasiado grossas, os lábios contraídos dos doentes terminais, uma expressão de apatia emocional. Como aquelas pessoas que só choram nos filmes, incapazes de sentir afecto na vida real. E então riu-se sozinha. O que era isso da vida real? Em que dimensão entrávamos a ver um filme ou a ler um livro? Um lugar de distração, de fuga? O único lugar onde existe consolo.

Reparou, reflectido no vidro do outro lado da carruagem — o vidro que a forçava a reconstruir a sua própria figura esguia nos contornos desbotados —, que, do seu lado direito, separado por um lugar, um rapaz adolescente a observava pelo canto do olho. Provavelmente, a timidez obrigava-o a fingir que nada daquilo sucedia; que os seus olhos não fugiam, uma e outra vez, para o rosto liso da rapariga, para a boca suavemente pintada com um batom escuro, a boca de quem esconde uma fragilidade que a faz chorar quando o cair da noite a encontra desprevenida. Mas ela não deu troco ao miúdo. Em vez disso, continuou a olhar para a fotografia no jornal.

A desilusão transformara-se numa ligeira náusea: é sempre terrível quando aqueles que admiramos nos provocam, afinal, uma espécie de repulsa.

Guardou o jornal na mochila e, antes de sair na estação da universidade, fez questão que a aba do seu casaco, impregnada de perfume, roçasse nas pernas do rapaz, que fazia muita força para não a olhar, lutando contra o desejo.

Passou a aula de Estudos Ingleses a riscar a fotografia do escritor com um lápis. Fez-lhe um bigode, depois desenhou-lhe uns cornos. Acabou por desenhar um balão a sair-lhe da boca, como na banda desenhada, no interior do qual se lia «Sou um merdas.» Desejava que ele fosse perverso, infeliz; que se deitasse com homens por dinheiro, ou então que frequentasse os *bas-fonds* mais decrepitos. Incapaz de compreender como aquele rosto podia ter escrito *A História do Silêncio*, acabou por esconder a página do jornal dentro do livro, que guardou debaixo do compêndio de Linguística Inglesa. Sentiu-se irritada, apeteceu-lhe gritar muito alto e interromper a aula chatíssima daquele professor insuportável, que caminhava sobre o palco do anfiteatro de um lado para o outro com a regularidade de um pêndulo.

Atrás de si, um colega risonho; na fila da frente, uma colega gótica pintava as unhas, o verniz preto escondido dentro da mala pousada num assento vazio. Cheirava a suor e a uma mistura enjoativa de perfumes. Era demasiado cedo para Chomsky,

Teoria da Cultura e Pinker, uma aula daquelas suicidava-se naquele horário, e não admirava que os estudantes desfalecessem nas cadeiras e copiassem nas frequências.

A seguir à aula, foi ao gabinete do orientador de tese. Era um homem fininho, de voz trémula, que cheirava a água-de-colónia e a roupa por lavar. Ela tinha a certeza, porém, que o professor Gusmão era boa pessoa; que a olhava quase sem desejo, isento de pensamentos porcos. O gabinete era monótono. Havia um atlas nas prateleiras, dezenas de dicionários, Shakespeare, Chaucer. E ela ali, como se tivesse aterrado de um planeta diferente, onde havia cor e movimento, onde os humanos ainda não haviam adormecido à sombra do classicismo, da tradição. Sente-se, disse Gusmão. E repetiu: Sente-se.

Gusmão repetia as palavras. Era um dos tiques que a idade trazia, como esfregar o rabo ou assoar-se ruidosamente em público. Como quer que eu a trate? Só Beatriz? Sim, Só-Beatriz, concordou ela.

O homem pôs-se de pé, enfiou as mãos nos bolsos das calças axadrezadas. Ela sentou-se num dos sofás. Tinha o compêndio de linguística no colo. O sofá estava quente, ter-se-ia alguém sentado ali antes dela?

Isabel
Rio
Novo

A «WOOK LÊ» é uma rubrica na qual a WOOK convida personalidades de diferentes áreas a falar sobre os seis livros da sua vida. Trata-se de uma "playlist literária" de obras que, de alguma forma, marca(ra)m a vida dos entrevistados.

A escritora Isabel Rio Novo foi a mais recente interpelada. Inspirou-nos com uma lista de verdadeiros clássicos da literatura e descreveu as suas escolhas de forma superlativa.

Data e local de nascimento

1972, Porto

Wook faz?

Escritora

Os seis livros da sua vida

Memorial de Aires **Machado de Assis**

«É o último romance de Machado de Assis, um dos maiores escritores de todos os tempos, e por sinal de língua portuguesa. Mas podia ser qualquer livro do autor. A narrativa caminha lentamente, ou pelo menos é isso que nos parece, até percebermos que tudo correu a um ritmo vertiginoso e já estamos na borda do precipício. Só que se trata de uma vertigem interior, contida, silenciosa, sem banda sonora, como eu costumo dizer. E por isso mais perigosa.»

Madame Bovary **Gustave Flaubert**

«Muita gente vive atormentada com a quantidade de livros que nunca irá ter tempo para ler na vida. Pela minha parte, sou uma releitora compulsiva, regressando obsessivamente a livros que já conheço. Li *Madame Bovary* na faculdade. Reli-o aos trinta e poucos anos, já depois de ter sido mãe, e o destino da pequena Berthe, personagem que me passara completamente despercebida da primeira vez, ficou a ressoar em mim.»

O Estrangeiro **Albert Camus**

«Um pequeno enorme livro que incomoda, perturba, desestabiliza. Gosto de livros que me atinjam as emoções e os

nervos. Gosto de sentir que também eu poderia matar, como Mersault. Tem mais efeito sobre mim uma página de Camus do que um livro inteiro de Sartre.»

Memórias de Adriano **Marguerite Yourcenar**

«Um romance que confirma a minha convicção de que, bem melhor do que classificar livros e querer que eles encaixem em géneros ou categorias, é lê-los e fruí-los. É um romance histórico? Não é histórico? É ficção? É não ficção? Que importa. A escrita de Yourcenar flui como uma carícia luxuriante, ora sensual, ora quase dolorosa. E, no pós-fácio, está aquela frase em que a autora descreveu perfeitamente, como se as duas tivéssemos discutido o assunto, o meu gosto por fazer amigos à distância: «duas dúzias de pares de mãos descarnadas, alguns vinte e cinco velhos bastariam para estabelecer um contacto ininterrupto entre Adriano e nós.» Emociono-me quando leio isto.»

Os Maias **Eça de Queiroz**

«Não me sinto tão próxima de Eça como de Camilo, e o romance não me deslumbra tanto como me deslumbrou na adolescência, mas continua a ser uma obra magistral e um dos livros da minha vida. As páginas em que João da Ega, depois da revelação do doutor Guimarães, carrega sozinho o terrível segredo de Carlos e Maria Eduarda redimem alguns excessos de verve e de ironia que atestam o talento extraordinário do autor, mas, em mim, provocam sempre algum distanciamento.»

Amor de Perdição **Camilo Castelo Branco**

«Romantismo, sentimentalismo, a força da paixão, a penumbra da tragédia, e depois a linguagem concisa, cortante, irrepreensível. Como disse Manoel de Oliveira, sacode-se o livro e não cai de lá nada: nenhuma palavra está a mais.»

entrevista

A black and white photograph of Sergio Ramírez, an older man with glasses, wearing a light-colored shirt and a dark jacket. He is captured in a moment of speaking, with his hands raised in a gesture. The lighting is dramatic, coming from the side, creating strong highlights and shadows. A small lapel microphone is clipped to his jacket.

Sergio Ramírez

Tem dos mais importantes prêmios literários do mundo e uma simplicidade de maneiras só ao alcance de pessoas realmente generosas.

Curiosidades sobre o autor

Sergio Ramírez nasceu em 1942, em Masatepe, Nicarágua. Em 1984, foi eleito vice-presidente da Nicarágua apoiando a candidatura de Daniel Ortega, de quem se distanciou, tornando-se num acérrimo crítico do seu regime. Em 2017, tornou-se no primeiro centroamericano a vencer o Prémio Cervantes.

Escreve sempre de janela aberta, mas nunca a pensar nas distinções. Adora os netos e Tchekhov e sonha com o dia em que a democracia triunfe.

Ramírez não sabe ser o escritor e o cidadão. Tudo nele é esse fio condutor, uno e indivisível, entre escrita, cultura e pessoa.

Saber do seu percurso e ouvi-lo falar é uma lição de vida, própria não só dos grandes autores mas, acima de tudo, dos grandes homens.

Esta entrevista foi um privilégio. Ainda o é.



Já ninguém chora por mim

é o seu mais recente livro.

Fale-nos sobre ele. Quanto de si há neste inspetor Dolores Morales?

O livro fala sobre a Nicarágua contemporânea, mas a personagem Dolores Morales, que foi um antigo polícia, agora convertido num detetive privado, é uma personagem que já vem de um livro anterior, ainda não traduzido em português, que se chama *O Céu Chora por Mim*, e, portanto, eu pretendo que a série à volta do inspetor Dolores Morales seja uma saga, porque eu estou convencido de que uma personagem de um policial não pode sobreviver em apenas um livro. Muitas vezes, converte-se no alterego do escritor – e o contrário também acontece. Somos da mesma geração, a minha personagem e eu. Ambos estivemos numa revolução que derrotou a ditadura Somoza. O inspetor Morales lutou com as armas na guerrilha e eu, com a palavra. Nunca empunhei uma arma. Mas os dois partilhamos a mesma ilusão por um país diferente, e hoje partilhamos também as mesmas decepções.

Prémio Cervantes, Carlos Fuentes, Alfaguara. As distinções são importantes para si?

Os prémios são importantes na carreira de um escritor, mas não determinam a sua carreira. Porque escrever para os prémios parece-me que diminui a qualidade da escrita.

Naturalmente, temos que falar na política. A América Latina vive tempos muito difíceis, ameaçadores. Sente que é seu dever falar sobre isso?

Eu tenho em mim duas metades: a minha metade de escritor, que se ocupa dos seus livros, da criação literária, da qualidade da escrita; e a outra metade, é a minha metade de cidadão, que se preocupa com aquilo que acontece à sua volta.

As duas têm que ver com o mesmo tema, como dizia antes, são as sequelas nas quais a personagem principal é o inspetor Dolores Morales. A primeira refere-se aos anos que se seguiram ao fim da revolução, os anos 90. Neste romance, são retratados os anos do regime de Daniel Ortega e da sua mulher Rosario Murillo, que são uns anos, digamos, muito anormais, mas também muito extravagantes.

É uma ditadura muito extravagante, de maneira que dá muito “campo” ao romancista para se divertir, escrevendo um livro sobre um casal que governa um país de maneira estranha, esotérica, mas também muito cruel.

Recuperar a democracia creio que é a tarefa urgente para termos uma vida diferente. Um romancista vive dependente da realidade do seu país, e a Nicarágua é atrativa enquanto país cheio de anomalias.

No dia em que tivermos uma democracia, essa atração vai perder-se para o romancista, mas vou ganhar um país diferente, e como romancista terei que procurar com o que me ocupar.

«A literatura não pode ser uma lição política, tem de ser uma lição de realidade, de procurar uma ambição do que está a acontecer»

Dizem que as pessoas criativas e geniais têm uma rotina mais ou menos rígida. É o seu caso?

Eu tenho uma rotina de escrita que começa muito cedo, de manhã, e dura até ao meio-dia. Pelo menos, tenho cinco, seis horas comigo próprio, dedicado apenas à escrita. Creio que é sempre um momento muito pessoal, e eu procuro o ambiente de uma cápsula espacial. Estou absolutamente só para me rodear do fantasma da escrita. Mas isso, sim, tenho a janela aberta. Tenho de saber o que está a acontecer lá fora.

Lembra-se do primeiro livro que leu?

Não sei se *Os Três Mosqueteiros*, de Dumas, mas eu sou da época das radionovelas. Então, aos escritores a quem se pergunta qual foi o primeiro livro que leram falam sempre de Emilio Salgari, por exemplo. E eu lia Salgari, eu ouvi Salgari na rádio.

Se pudesse jantar com um escritor vivo ou morto, quem escolheria?

Porquê?

Antón Tchekhov. Adoraria sentar-me à mesa com o Tchekhov. É o autor que mais me marcou enquanto adolescente, e continuo a adorá-lo.

Que momentos na sua vida lhe dão alegria?

O dia em que triunfou a revolução: 19 de julho de 1989 foi um grande dia para mim, porque pensei que tínhamos tomado o céu por assalto. Mas logo o céu se desfez em pedaços – mas essa é outra história. Além de escrever, pode ser ouvir música, ler, obviamente, e conversar com os meus netos.

Wook está na sua mesa de cabeceira?

Tenho sempre as *Mil e Uma Noites* ou tenho a Bíblia. Agora tenho os livros a concurso na Bienal de Romance Mario Vargas Llosa; uma vez que sou o presidente do júri, tenho de ler 10 livros. Estão ali na pilha, mas tenho de os ler disciplinadamente a todos.

Se tivesse um superpoder, qual seria?

Sempre me fascinou ser o homem invisível, porque eu sou muito curioso. Gostaria de entrar nos gabinetes do Governo onde se discutem assuntos de poder. Ouvir conversas alheias é um fascínio que eu tenho enquanto escritor... logo, ser invisível dar-me-ia impunidade para fazer todas essas coisas.

8 bons motivos para ler um eBook



Caro leitor, não equacionamos a nossa existência sem livros físicos, mas temos de reconhecer que a tecnologia traz algumas (enfim, várias) vantagens aos seus utilizadores. Mesmo que seja um amante incondicional de livros em papel, vale a pena conferir boas razões para, pelo menos, ponderar em tornar a sua leitura mais flexível e experimentar a leitura digital.

1 É LEVE

Pode transportar 100 livros no seu dia a dia que eles não pesam. E as suas costas agradecem.

2 É DISCRETO

Sabe aquele pescoço metediço que começa a esgueirar-se na nossa direção para saber o que estamos confortavelmente a ler num transporte público e não queremos que ninguém saiba? Exatamente: isso acabou. Não há capa, não há curiosidade.

3 O MARCADOR NUNCA SE PERDE

Os livros digitais também têm marcadores, e não há vento que os leve ou mãos desajeitadas que os percam. Além disso, o *reader* memoriza a última página lida.

4 É PRÁTICO E CÓMODO

Pode ler a toda a hora e em qualquer lugar. Uma vantagem a ter em conta, sobretudo, nas férias e/ou viagens: nunca vai pagar excesso de bagagem – e as suas costas agradecem. De novo.

5 É VERSÁTIL

Esqueceu-se dos óculos? Pode aumentar ou diminuir o tamanho da letra.

6 NÃO ACUMULA PÓ

Especialmente importante para quem tem alergias a ácaros, pequenos aracnídeos que se infiltram por toda a parte... exceto num *tablet*.

7 NÃO OCUPA ESPAÇO EM CASA

Uma casa sem livros é como um corpo sem alma, mas quando vivemos no limite de não ter onde encaixar mais uma estante e não conseguir parar de comprar livros, esta pode ser a solução. Olá, estante virtual, infinita e sempre arrumada!

8 PODE LER A TODA A HORA... E ATÉ ALTAS HORAS

A frase «Só mais um capítulo» está-lhe sempre na ponta da língua? Nós também jogamos nessa equipa. Com um eBook tem a opção "modo noturno", o que lhe permite ler na cama, sem a pessoa ao lado barafustar. Mais um ponto a favor, tudo a bem da harmonia familiar.



NOVO



Ler ^{para} crescer

O gosto pelos livros não nasce conosco, mas educa-se desde o berço – e os pais e educadores têm um papel fundamental nesse processo. E se é verdade que há muitos livros no horizonte de escolha, o que é ótimo, ao mesmo tempo, essa pluralidade de oferta pode dificultar a tarefa de encontrar o livro adequado. E nós queremos simplificá-la! **Com este guia poderá descobrir livros incríveis, verdadeiros companheiros de viagem para todas as idades e para todos os gostos.**

1 aos 5 anos

O Senhor Cavalo-Marinho

Eric Carle

Um livro belissimamente ilustrado em que são utilizadas folhas de acetato coloridas que provocam um efeito-surpresa nos pequenos leitores, tornando a leitura simultaneamente interativa, tátil e visual. Uma história simples sobre o *habitat* marinho que pode sair do fundo do mar para a nossa realidade: o papel do pai é tão importante como o da mãe quando se trata de cuidar dos filhos.

Boa Viagem Bebê

Beatrice Alemagna

A hora de ir para a cama não tem que ser um tormento. Este é um livro bem-humorado para ajudar a criar rotinas de sono e que auxilia também os pais a refletirem sobre a importância de criar um ambiente calmo para que as crianças entrem na hora de dormir de forma natural.

Luca, O Hipopótamo que não Queria Deixar as Fraldas

Clementina Almeida

Luca está a passar por um dos maiores desafios da sua vida: deixar as fraldas! Esta é uma das fases de desenvolvimento emocional e comportamental mais difíceis para as crianças, e este livro ajuda a que se identifiquem com a situação e aprendam a lidar com o assunto de forma mais tranquila. Um livro didático, sem deixar de ser ternurento.

6 aos 8 anos

Lengalengas Coloridas

Tiago Salgueiro

Seja pelo jogo de palavras ou pelas ilustrações expressivas e felizes que acompanham o texto, é garantido que os miúdos não vão esquecer lengalengas como «Tão balalão, cabeça de cão, orelhas de gato, não tem coração.» Nem nós.

Contos Maravilhosos de Hans Christian Andersen

Hans Christian Andersen

A Princesa e a Ervilha, O Rouxinol, A Pequena Sereia são alguns dos contos que encontrará neste livro.

As histórias de Christian Andersen são intemporais, incontornáveis e ensinam-nos lições demasiado preciosas.

Estás tão Crescida

António Jorge Gonçalves

Um livro com ilustrações de traço simples, mas cheio de imaginação sobre o processo de crescer. Nem sempre é fácil, mas pode contar-se com a possibilidade infinita da mudança e do inesperado.

9 aos 12 anos

O Capitão Cuecas e a Sensacional Saga do Sr. Fedorovsky

Dav Pilkey

O Capitão Cuecas é um super-herói fora da norma que enverga com orgulho

apenas roupa interior e uma capa. Um livro cheio de aventuras épicas e uma coleção superdivertida da qual nem miúdos nem graúdos sairão incólumes.

Os Indomáveis F. C. – Amor e Futebol em Madrid

Álvaro Magalhães

Uma equipa, um treinador, um equipamento, um clube: Os Indomáveis F. C.!

Esta é a célebre coleção da autoria Álvaro Magalhães que tem cativado os jovens leitores apaixonados pelo desporto-rei com as suas aventuras e peripécias dentro e fora do jogo.

Bicicleta à Chuva

Margarida Fonseca Santos

Uma história a duas vozes sobre temas tão próximos do universo juvenil: o *bullying*, a coragem e a amizade. Um livro comovente e emocionante de uma das autoras de referência da literatura infantojuvenil.

13 aos 16 anos

O Caderno Vermelho da Rapariga Karateca

Ana Pessoa

Este não é um diário qualquer; não tem chave, não tem segredos, não tem corações. Aqui, a leitura transporta quem lê para o universo de uma rapariga, a N, de forma fluida e divertida, com ilustrações brilhantes de Bernardo Carvalho.

O Rapaz do Caixote de Madeira

Leon Leyson, Marilyn J.

Harran, Elisabeth B. Leyson

Passada durante a Segunda Guerra Mundial, esta é uma história admirável de coragem e amor, contada, na primeira pessoa, por um rapaz de 13 anos. Um livro marcante sobre o Holocausto e os mais nobres valores do ser humano.

Diário de um Banana

Jeff Kinney

Greg é o herói improvável com o qual os miúdos se identificam, precisamente por ser o exemplo perfeito do quão difícil é ser criança. Nesta coleção, vamos acompanhando a vida deste Banana. A rir muito, mas acompanhamos...

17 aos 19 anos

À Espera no Centeio

J. D. Salinger

Símbolo do inconformismo, Holden Caulfield, o protagonista deste verdadeiro clássico de J. D. Salinger, é um jovem à procura de si mesmo num

duelo entre a perda da inocência da infância e a aparentemente falsidade do mundo dos adultos. Um livro perfeito.

A Persuasão Feminina

Meg Wolitzer

Uma jovem apaixonada luta pelos seus ideais para encontrar o seu lugar no mundo. Uma reflexão sobre o mundo atual, uma história sobre a chegada à idade adulta e as consequências das escolhas que fazemos.

O Livro do Desassossego

Fernando Pessoa

Uma das obras mais fascinantes de toda a língua portuguesa, a obra de Bernardo Soares, heterónimo de Fernando Pessoa, é o espelho de uma vida e uma reflexão profunda sobre a natureza humana. Para abrir em qualquer página e começar a ler!



UM TESTEMUNHO ÍNTIMO
SOBRE O QUE É CRESCER SEM MÃE.
LÊ-SE COMO UM ROMANCE
MAS É FEITO DE VIDA.



«A escrita é o peito aberto às balas. É imperativo que enfrente descubra e escreva na proporção exata da devastação que apagou tudo.»

LER EM BOA COMPANHIA

Conheça os últimos livros da Companhia das Letras



COMPANHIA
DAS LETRAS

Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.gostodeler.pt



**«Nunca esperei nada da vida.
Por isso tenho tudo.»**

José Saramago, escritor (1922-2010)





«Assim que aprenderes a ler,
serás para sempre livre.»

Frederick Douglass, estadista e escritor (1818-1895)

Instruções para Atravessar o Deserto é uma antologia preparada em diálogo com o autor **Juan Vicente Piqueras** e constitui a primeira tradução da sua poesia para português. É uma edição bilingue.

O pouco que sei

Sei que a pena não vale a pena.

Sei que a alegria não pode ser dita.

Sei que o amor, essa missão selvagem, delicada, impossível, é a única forma de estar neste mundo sem errar.

Sei que a morte resolve todas as coisas.
Sei que a morte, não, quero dizer a vida, é um pardal numa árvore despida ou numa amendoeira em flor, cantando à luz, dando graças aos céus por tudo sem o saber.

Lo poco que sé

Sé que la pena no vale la pena.

Sé que la dicha no puede ser dicha.

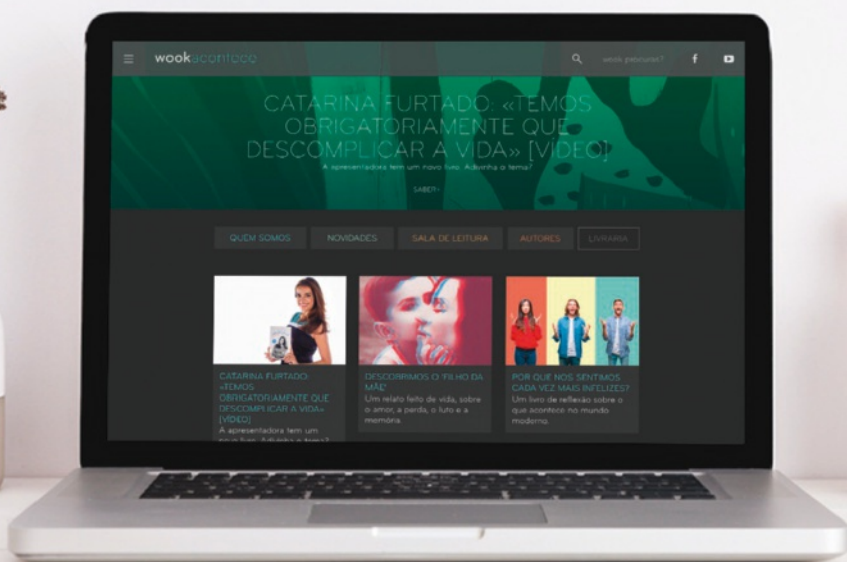
Sé que el amor, esa misión salvaje, delicada, imposible, es la única forma de estar en este mundo sin errar.

Sé que la muerte lo resuelve todo.
Sé que la muerte, no, quiero decir la vida, es un jilguero en un árbol desnudo o en un almendro en flor, cantándole a la luz, dando gracias al cielo por todo sin saberlo.

Juan Vicente Piqueras,
Instruções para Atravessar o Deserto,
Assírio & Alvim

poema

O blogue literário da **WOOK**



wookacontece.pt

Wook



87727.10

Subscreva a nossa *newsletter*